Está aqui bem patente o dia-a-dia das comunidades rurais, que constituem a maioria da população de Timor Leste, e que têm a agricultura como actividade principal, surgindo a pesca, em algumas zonas costeiras, como actividade importante de alguns estratos da população.

Assim também as actividades marcadamente femininas como o descasque do arroz, a tecelagem dos "tais", a cestaria ou a moldagem do barro.

Especial destaque para o bazar, onde se vai semanalmente trocar os mais variados produtos como os frutos, produtos agrícolas, leitões, panelas de barro, etc. Mas que é também um importante local de convívio e de lazer onde não falta o popular jogo da luta de galos.

Sem preocupações de carácter antropológico ou de particular rigor científico, estas fotografias deixam transparecer a harmonia que presidia à organização desta sociedade.

De referir ainda que algumas destas fotografias integraram já outras exposições, no Canadá, Suécia e Japão, a que a autora deu o sugestivo título de "Holocausto no Paraíso" num claro alerta à opinião pública para a brutalidade da invasão e ocupação indonésia e para a ameaça de genocídio e etnocídio que paira sobre este Povo.

Em 1974, Elaine Brière viu assim o paraíso etnográfico de Timor Leste.

Em 1989, uma angustiante interrogação continua a pairar sobre o presente e o futuro deste Povo.

Lisboa e FABC, 18 de Novembro de 1989

Guilhermina Araújo
Directora do Departamento de Projectos

Apoio de «CAFOD» — The Catholic Fund for Overseas Development, London e «Universidade Aberta», Lisboa
Participação de «AR CO» — Centro de Arte e Comunicação Visual e «OIKOS» — Cooperação e Desenvolvimento

TL 842

TIMOR LESTE
UM POVO
UM PERCURSO

FOTOS: ELAINE BRIÈRE, 1974

UNIVERSIDADE ABERTA
PALÁCIO CEIA
DE 7 a 17/12/89

FUNDAÇÃO AUSTRONÉSIA BORJA DA COSTA
RUA CAETANO ALBERTO, 19 1000 LISBOA Telefone 80 51 92

TIMOR LESTE
UM POVO
UM PERCURSO

É o tema de um Ciclo de exposições fotográficas que a Fundação Austronésia Borja da Costa vai promover em Lisboa nos próximos tempos.

Este ciclo que pretende lançar um olhar atento sobre a questão timorense, na sua dimensão sócio-cultural, será organizado de acordo com três vectores fundamentais:

— Apresentar e documentar o período anterior à invasão;
— Mostrar o impacto da invasão e ocupação indonésias na sociedade timorense;
— Acompanhar o Povo Maubere pelos caminhos da resistência.

O período anterior à invasão conduz-nos a uma época em que as comunidades timorenses do interior mantinham praticamente inalterada a matriz cultural que as caracterizou ao longo de séculos.

Uma organização social onde se reflectia uma cosmogonia própria; um secular equilíbrio com o meio ambiente envolvente e um alargado sistema de parentesco a reforçar os laços de coesão e formas de fraternização entre todos os membros da comunidade.

Nas cidades e vilas onde a influência da administração portuguesa era mais sentida, coexistiam os hábitos de influência ocidental com as tradições multisseculares do Povo Maubere.

Para avaliar o impacto da invasão de 7 de Dezembro de 1975, e da ocupação que ainda se mantém, necessário se torna determo-nos em alguns factos de particular relevância como:

A divisão do País em duas zonas estanques — a da guerrilha e a da ocupação indonésia; a população forçada a abandonar os seus pequenos "Knuas" para se agrupar em aldeamentos estratégicos e confinada a reduzidíssimas áreas de circulação e cultivo sob estreito controle indonésio; a imposição de valores completamente alheios à história e à cultura do Povo Timorense.

Por outro lado, acompanhar o Povo Maubere pelos caminhos da resistência é perscrutar atentamente a forma como um povo se organiza para preservar a sua cultura, os seus valores, a sua identidade.

E essa resistência manifesta-se quer nas zonas controladas pela guerrilha quer nas zonas ocupadas pelos indonésios ou ainda nas comunidades na diáspora, maioritariamente residentes na Austrália e em Portugal.

ELAINE BRIÈRE
assina esta exposição

Esta primeira exposição que se efectua em Lisboa, de 7 a 17 de Dezembro de 1989, e com a qual a FABC se associa ao assinalar da passagem do 14.º aniversário da invasão indonésia de Timor Leste, em 7 de Dezembro de 1975, e do assassínio do poeta maubere Borja da Costa — patrono desta Fundação, é constituída por uma colecção de fotografias de Timor Leste, em 1974, assinadas por Elaine Brière.

Elaine Brière é uma fotógrafa canadiana com larga experiência profissional na área da reportagem fotográfica, retrato, documentário e teatro, tendo sido professora de fotografia em várias escolas canadianas nomeadamente em Brentwood College, e Malaspina College.

Exposições

Várias exposições realizadas no Canadá, em galerias de arte, museus e teatros; e ainda na Suécia, Japão e agora em Portugal.

"On the Road: photographs of S.E. Asia", 1977 e 1978.
"Getting There", 1981.
"Colour Work", 1983.
"The Child Photographer", 1983.
"Some Vancouver Island Writers", 1985.
"East Timor: Holocaust in Paradise"
Gallerie Montcalm, Hull, Quebec, Outubro, 1985.
Neutral Ground, Regina, Sask., Novembro, 1985.
Partisan Gallery, Toronto, Dezembro, 1985.
Culturhouse, Stockolm, Suécia, 1987.
Fukuoka, Japão, Agosto, 1989.

ESTA EXPOSIÇÃO

Quando, em 1974, Elaine Brière percorreu Timor Leste, estava longe de imaginar que, com a sua objectiva, iria fixar instantâneos da vida de um povo que viriam a revelar-se testemunhos preciosos de uma época e de um modo de vida que viria a ser brutalmente alterado, em Dezembro de 1975, pela invasão e ocupação da Indonésia.

Estão bem presentes elementos da paisagem natural como o bambu ou a palmeira, indissociáveis do dia-a-dia do povo que, ao longo de gerações, se habituou a usá-los na construção das casas, nas canalizações, para o fabrico de instrumentos musicais ou para delas extrair bebidas ou a própria farinha de sagu; para já não falar das árvores de sombra sempre tão propícias para a merecida pausa ao longo dos caminhos que levam às hortas, às várzeas ou ao bazar.

Claramente marcada, está a importância de animais como o búfalo, carinhosamente cuidado, precioso auxiliar na preparação das várzeas para a cultura do arroz, sendo também usado em rituais religiosos.

É visível, nesta mostra, que a fotógrafa, munida de enorme sensibilidade, fixou com deleite inúmeros rostos: há caras alegres e tristes, semblantes carregados e expressões ligeiras, rostos de crianças de sorriso irreverente, e outros que espelham a serenidade da vivência ritual do dia-a-dia; há rostos delicadamente jovens a par de outros onde o tempo sulcou já as suas marcas indeléveis.